

Estratégias de Inclusão de Estudantes com TEA no Ensino Superior: Uma Revisão Sistemática

Strategies for the Inclusion of Students with Autism Spectrum Disorder in Higher Education: A Systematic Review

Liciana Vaz de Arruda Silveira

Graduanda em Psicologia

Instituição de formação: Faculdade Galileu

Endereço Institucional: Av. Marginal 200, 680 - Vila Real, Botucatu, SP

E-mail: liciana.silveira@unesp.br

Renan Merlin Cuani

Psicólogo

Instituição de formação: UNISAGRADO (Centro Universitário Sagrado Coração)

Endereço Institucional: Rua Irmã Arminda, 10-50, Jardim Brasil, Bauru, SP

E-mail: renanmerlin_@hotmail.com

RESUMO

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior tem avançado no Brasil, mas ainda enfrenta desafios acadêmicos, sociais e psicológicos. Estratégias como flexibilização curricular, tecnologias assistivas, suporte psicopedagógico e formação docente são essenciais. Revisões sistemáticas evidenciam avanços, limitações e a necessidade de políticas e práticas que promovam a permanência e o sucesso desses alunos. Esta revisão sistemática foi registrada no PROSPERO com número de protocolo CRD42025646522. A estratégia de busca foi realizada nas bases de dados *Pubmed (MEDLINE)*, *Embase*, *Web of Science* e *PsycINFO*. Foram incluídos estudos originais que investigaram estratégias e intervenções voltadas a estudantes universitários com TEA, considerando desfechos relacionados à permanência, aprendizagem, participação e inclusão acadêmica. A seleção, extração e síntese dos dados foram realizadas de forma padronizada, assegurando transparência e reprodutibilidade. Do total de 734 registros identificados, 11 estudos atenderam aos critérios de elegibilidade. Os estudos foram publicados entre 2021 e 2025 e majoritariamente escritos em inglês, com destaque para pesquisas conduzidas no Brasil e nos Estados Unidos. Observou-se predominância de delineamentos qualitativos, refletindo a necessidade de compreender experiências e contextos individuais da inclusão. O crescimento das publicações coincide com o aumento de matrículas de estudantes autistas no ensino superior e com a consolidação de políticas inclusivas. Os resultados evidenciam o potencial de apoios individualizados, programas de mentoria e recursos tecnológicos como caminhos promissores, ao mesmo tempo em que reforçam a necessidade de adaptações institucionais e maior engajamento docente para garantir práticas inclusivas e sustentáveis.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista, universidades, educação inclusiva, acessibilidade metodológica.

ABSTRACT

The inclusion of students with Autism Spectrum Disorder in higher education has advanced in Brazil but still faces academic, social, and psychological challenges. Strategies such as curriculum flexibility, assistive technologies, psychopedagogical support, and teacher training are essential.

Systematic reviews highlight progress, limitations, and the need for policies and practices that foster the retention and success of these students. This systematic review was registered in PROSPERO under protocol number CRD42025646522. The search strategy was conducted in the PubMed (MEDLINE), Embase, Web of Science, and PsycINFO databases. Original studies investigating strategies and interventions aimed at university students with ASD were included, considering outcomes related to retention, learning, participation, and academic inclusion. Study selection, data extraction, and synthesis were carried out in a standardized manner, ensuring transparency and reproducibility. Out of 734 records identified, 11 studies met the eligibility criteria. These studies were published between 2021 and 2025, mostly in English, with particular emphasis on research conducted in Brazil and the United States. A predominance of qualitative designs was observed, reflecting the need to understand individual experiences and contexts of inclusion. The growth of publications coincides with the increasing enrollment of autistic students in higher education and the consolidation of inclusive policies. The results highlight the potential of individualized support, mentoring programs, and technological resources as promising approaches, while also reinforcing the need for institutional adaptations and greater faculty engagement to ensure inclusive and sustainable practices.

Keywords: autism spectrum disorder, universities, special education, methodological inclusiveness.

1 INTRODUÇÃO

A educação especial é uma modalidade da educação escolar destinada a garantir a aprendizagem e a participação de estudantes com deficiência, transtornos do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2008). Nesse contexto, a educação especial no Brasil tem sido cada vez mais pautada por princípios de equidade e justiça social, orientando políticas públicas que buscam garantir o acesso, a permanência e a participação de estudantes com deficiência em todos os níveis de ensino. Essa modalidade de ensino é destinada aos estudantes que possuem necessidades educacionais específicas, e sua atuação se dá de forma transversal, promovendo recursos, serviços e apoios que favoreçam o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos no contexto escolar (Brasil, 2008; Brasil, 2024).

Considerando os avanços em direção a uma sociedade mais inclusiva e reconhecendo a educação como instrumento fundamental para a concretização desse ideal, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) foi implementada em 2008. Essa política tem como público-alvo os estudantes “com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação” (Brasil, 2008), com o objetivo de promover a universalização da educação.

No âmbito da educação, a proposta da educação inclusiva visa assegurar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem para os estudantes, reconhecendo e valorizando suas individualidades, potencialidades e necessidades (Brasil, 2024). Dentro dessa perspectiva, a inclusão educacional assume um papel fundamental ao propor uma escola para todos, onde as diferenças são

reconhecidas, valorizadas e tratadas como parte da diversidade humana. A inclusão implica na reformulação de práticas pedagógicas, na capacitação docente e na construção de um ambiente acessível, colaborativo e acolhedor. Trata-se, portanto, de um processo contínuo que exige o comprometimento de toda a comunidade escolar e acadêmica (Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022).

De forma gradual, tem-se observado avanços no processo de inclusão de discentes do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) no ensino superior, especialmente após a incorporação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência à legislação brasileira (Organização das Nações Unidas - ONU, 2006). No entanto, a efetiva participação desse público ainda depende da reformulação dos modelos educacionais tradicionais, visando à universalização dos processos de ensino-aprendizagem (Sales; Viana, 2020; Victor; Uzêda, 2022).

Os marcos legais foram fundamentais para consolidar a luta pela inclusão, entre os quais se destacam a PNEEPEI (Brasil, 2008), a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015). Tais normativas reforçam a necessidade de garantir, em igualdade de condições, os direitos e as liberdades fundamentais das pessoas com deficiência. A partir dessas legislações, houve uma mudança significativa na concepção da deficiência, que passou de uma perspectiva médica para uma abordagem social, reconhecendo que as desigualdades decorrem das barreiras ambientais e sociais, exigindo, assim, mecanismos efetivos para sua superação.

Entre esse público, destaca-se o Transtorno do Espectro Autista (TEA), definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) da *American Psychiatric Association* (APA, 2023) como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, associados a comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos.

Os sintomas devem surgir nos primeiros anos de vida e causar prejuízos clinicamente significativos nas áreas social, ocupacional ou funcionamento do indivíduo. Além disso, os níveis de suporte podem variar, exigindo intervenções individualizadas. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022), estima-se que 1 a 2% da população mundial esteja no espectro autista, com diferenças segundo métodos diagnósticos e das regiões. No Brasil, embora haja subnotificação, estima-se que cerca de 2 milhões de pessoas tenham TEA (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, 2023), evidenciando a necessidade de políticas públicas que contemplem suas especificidades, especialmente no campo educacional.

Dados do Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mostram que, em 2016, havia 35.891 matrículas de estudantes PAEE, das quais 642 (1,79%) correspondiam a pessoas com TEA (Brasil, 2018). Em 2021,

esse número saltou para 4.018 (11,2%) matrículas (Brasil, 2023), sinalizando uma retomada do crescimento após a interrupção causada pela pandemia de Covid-19. Em 2022, o número total de matrículas de estudantes PAEE chegou a 79.262, das quais 6.063 (7,6%) eram de alunos com TEA. Esses dados mostram um avanço considerável na matrícula de alunos com TEA no ensino superior (Brasil, 2018; Brasil, 2023; Brasil, 2024).

Para garantir a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes, instituições de ensino superior vêm adotando estratégias de inclusão como flexibilização curricular, o atendimento educacional especializado (AEE), o uso de tecnologias assistivas, adaptação de avaliação e suporte psicopedagógico. A formação continuada de docentes e a sensibilização da comunidade acadêmica são essenciais para a construção de um ambiente universitário mais inclusivo (Donati; Capellini, 2018; Acuna; Paparella, 2023).

Diante disso, a inclusão de estudantes com TEA no ensino superior apresenta diversos desafios que ultrapassam o campo educacional, abrangendo aspectos psicológicos, sociais, comportamentais e de saúde mental, que impactam a aprendizagem e podem aumentar as taxas de evasão (Kantor *et al.*, 2023). Estudantes com TEA podem apresentar dificuldades organizacionais e de atenção, o que prejudica o cumprimento de prazos, engajamento em atividades fora de seus interesses e nas interações sociais prolongadas (Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022).

Segundo Silva *et al.* (2024), superar tais barreiras exige das universidades adaptações pedagógicas, sociais e psicológicas. Alterações estruturais, acompanhamento educacional e profissional, e intervenções psicológicas, são essenciais para garantir a permanência desses estudantes e reduzir a evasão desses estudantes.

Diante desse cenário, pesquisadores e formuladores de políticas públicas têm buscado estratégias para melhorar a inclusão universitária desse grupo. Entre os principais desafios estão: dificuldades de interação social, realização de trabalhos em grupo, relações interpessoais (Olivati; Leite, 2019; Silveira; Donida; Santana, 2020; Acuna; Leite, 2022), foco restrito (Olivati; Leite, 2019), barreiras nos processos de ingresso, como provas e ambientes inadequados (Silva *et al.*, 2020), dificuldades na comunicação linguística (Silveira; Donida; Santana, 2020) e carência de adaptações curriculares (Acuna; Leite, 2022).

Mesmo na educação superior, estratégias de inclusão incluem disponibilizar a programação das aulas antecipadamente, comunicação de mudanças no cronograma, suporte em atividades sociais, prazos estendidos, uso de tecnologias assistivas e aulas com linguagem clara, evitando desconfortos sensoriais (Santos; Pedro, 2024). Experiências iniciais mostram eficácia dessas ações. Donati e Capellini (2018) relataram consultoria colaborativa entre especialista e docentes de um curso superior, implementando adaptações em avaliação, como ajustes linguísticos e aceitação de respostas

orais com apoio visual favorecendo a aprendizagem de um estudante com TEA. Acuna e Leite (2022), descreveram intervenção psicológica com 11 encontros para orientar um professor universitário na interação com um aluno com TEA, evidenciando a importância do apoio psicológico aos docentes para lidar com as demandas educacionais desses estudantes.

A inclusão de estudantes com TEA no ensino superior é um desafio crescente que articula dimensões legais, pedagógicas, sociais e psicológicas. A educação inclusiva, segundo a PNEPEI, constitui um processo contínuo orientado por princípios de equidade, diversidade e justiça social, que busca garantir a universalização do acesso, permanência e participação dos estudantes público-alvo da educação especial (Brasil, 2008; Brasil, 2012; Brasil, 2015). Essa mudança de paradigma reflete uma transição da concepção médica para a abordagem social da deficiência, entendendo que as barreiras não estão no indivíduo, mas no ambiente educacional e social (Victor; Uzêda, 2022).

Apesar dos avanços, a inclusão de estudantes com TEA na universidade enfrenta barreiras sociais, comunicacionais e pedagógicas (Olivati; Leite, 2019; Silveira; Donida; Santana, 2020) sendo a permanência dependente de suporte institucional e estratégias de ensino e aprendizagem adaptadas.

Nesse contexto, revisões sistemáticas (RS) já investigaram os suportes acadêmicos oferecidos a universitários com TEA. Gelbar *et al.* (2014), analisaram publicações entre 1999 e 2013 e identificaram como principais facilitadores da permanência e o sucesso acadêmico a oferta de serviços de apoio especializados, a sensibilização de docentes e colegas, e a implementação de práticas pedagógicas diferenciadas. Os autores destacam que a literatura ainda é limitada em número de estudos e diversidade metodológica, evidenciando a necessidade de pesquisas mais robustas sobre o impacto dessas estratégias (Gelbar; Smith; Reichow, 2014). Posteriormente, Kuder *et al.* (2018), realizaram uma RS focada em pesquisas de intervenção e identificando programas cognitivo-comportamentais, terapias de resolução de problemas em grupo e programas psicossociais voltados à regulação emocional e habilidades executivas (Kuder; Accardo, 2018). Mais recentemente, Davis *et al.* (2021) analisaram experiências de universitários com TEA, mostrando que os suportes acadêmicos foram pouco frequentes, limitando-se a tutoria, acomodações e modificações em cursos, enquanto os suportes não acadêmicos incluíram treinamentos de habilidades sociais, intervenções mediadas por pares, aconselhamento e serviços institucionais de acessibilidade (Davis; Watts; López, 2021). Diante do rápido avanço nas tecnologias digitais nos últimos anos, incluindo plataformas de ensino remoto, recursos de acessibilidade e ferramentas de apoio baseadas em inteligência artificial, torna-se fundamenta a realização de uma nova revisão que atualize as evidências disponíveis.

Revisão Sistemática é uma metodologia rigorosa e estruturada que identifica, avalia e sintetiza as evidências sobre um tema, seguindo um protocolo definido, critérios de elegibilidade, análise e síntese de dados, garantindo transparência e replicabilidade. Diferente da revisão narrativa, busca reduzir vieses, e constitui pesquisa científica própria (Galvão; Ricarte, 2019; Canuto; Oliveira, 2020).

Em síntese, o referencial teórico sobre inclusão de estudantes com TEA no ensino superior evidencia que o enfrentamento das barreiras depende de múltiplas dimensões. Aspectos legais e institucionais asseguram os direitos fundamentais, enquanto práticas pedagógicas inovadoras, formação docente e tecnologias acessíveis garantem a efetivação desses direitos. Assim, a literatura sustenta que a inclusão plena exige tanto adaptações individuais quanto mudanças estruturais e culturais no ambiente acadêmico, de modo a assegurar não apenas o acesso, mas sobretudo a permanência, o engajamento e o sucesso acadêmico dos estudantes com autismo.

O objetivo deste estudo é identificar, comparar e discutir as estratégias de inclusão escolar e educacional dos estudantes com TEA no ensino superior. Ao analisar criticamente as semelhanças, diferenças e resultados dessas estratégias, busca-se não apenas sintetizar os avanços recentes, mas também compreender seus avanços, limitações e impactos no contexto acadêmico. Dessa forma, esta RS pretende oferecer subsídios para o aprimoramento das práticas inclusivas e propor direções futuras que possam contribuir para o favorecimento da inclusão desses estudantes.

2 METODOLOGIA

Esta revisão sistemática foi registrada no PROSPERO com número de protocolo CRD42025646522 e seguiu as diretrizes de relato do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Page *et al.*, 2021). Com base no objetivo previamente mencionado, nesse trabalho, foi realizada uma busca sistematizada da literatura em 23 de julho de 2025. Foram selecionadas as bases de dados *Pubmed (MEDLINE)*, *Embase (Excerpta Medica Database)*, *Web of Science* e *PsycINFO* para as estratégias de buscas (Apêndice 1) utilizando os descritores de pesquisa apropriados e os operadores booleanos “AND” e “OR”, para aprimorar a estratégia de pesquisa. A pesquisa abrangeu todos os artigos publicados nos últimos cinco anos.

2.1 CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Os critérios de inclusão foram artigos originais publicados em periódicos nacionais e internacionais, sem restrição de idioma que abordassem estratégias e/ou intervenções propostas do ensino superior para alunos autistas, publicados nos últimos cinco anos. Os critérios de exclusão englobaram estudos cuja população não fosse exclusivamente formada por alunos autistas no ensino

superior; artigos cujo foco principal fosse experiência, percepções, desafios e vivências de alunos universitários autistas; artigos não originais como revisões interativas, sistemáticas ou bibliométricas; trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses e pôster ou resumos em anais de congressos. A escolha dos critérios de inclusão e exclusão visou garantir uma análise detalhada das estratégias de inclusão, explorando suas particularidades e a relação com os objetivos específicos de cada estudo.

2.2 SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Os registros de cada base de dados foram exportados e organizados na plataforma Covidence (<https://www.covidence.org>), que realizou automaticamente a identificação e remoção das duplicatas. O rastreamento dos estudos ocorreu em duas etapas: 1) foram analisados títulos e resumos e 2) foi feita a avaliação de texto completo dos estudos potencialmente elegíveis.

2.3 EXTRAÇÃO DE DADOS E SÍNTESE DOS RESULTADOS

Foi empregado um formulário padronizado de extração de dados, elaborado no Excel, com o objetivo de registrar as principais características de cada estudo. As informações coletadas incluíram: ano de publicação, título, periódico, país, desenho do estudo, nível acadêmico dos participantes, número de indivíduos avaliados, objetivo, critérios de inclusão e exclusão, idade, sexo, método de coleta de dados, descrição da intervenção, duração e frequência da intervenção, principais temas ou categorias identificadas, desfechos analisados e conclusão do estudo.

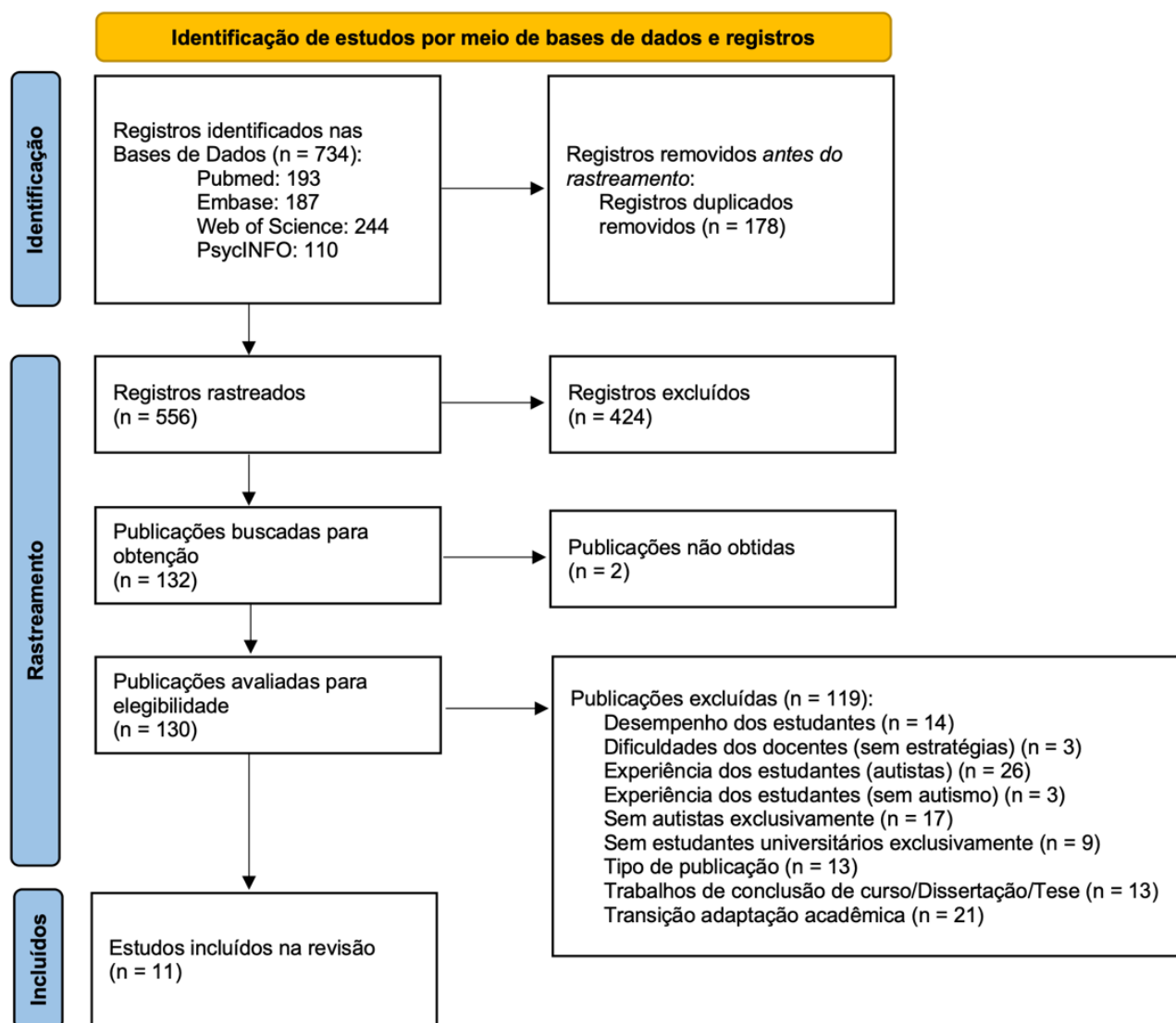
A evidência apresentada neste estudo foi sintetizada por meio de uma abordagem narrativa, em conformidade com as diretrizes de relato *Synthesis Without Meta-analysis* (SWiM) (Campbell *et al.*, 2020). Esse referencial metodológico foi adotado para assegurar uma síntese sistemática, transparente e abrangente dos achados na ausência de dados quantitativos. Além disso, características centrais dos estudos, consideradas relevantes para a interpretação dos resultados, foram registradas a fim de contextualizar possíveis variações entre os achados e reforçar sua pertinência para a área investigada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificados 734 registros em quatro bases de dados: PubMed (193), Embase (187), Web of Science (244) e PsycINFO (110) (Figura 1). Após a exportação para o Covidence, 178 registros duplicados foram automaticamente removidos, restando 556 para triagem por título e resumo. Desses, 424 foram excluídos, resultando em 132 publicações avaliadas em texto completo. Dois artigos não puderam ser obtidos, sendo 130 analisados integralmente. Ao final, 11 estudos

atenderam aos critérios de elegibilidade e compuseram a síntese desta revisão sistemática (Begel *et al.*, 2021; Trevisan *et al.*, 2021; Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022; Ridgely *et al.*, 2023; Silveira *et al.*, 2023; Waisman *et al.*, 2023; Ferreira; Barros, 2024; Locke *et al.*, 2024; Alves; Hostins; Oliveira, 2025; Ciurana; García, 2025; Rangkuti; Setyarini, 2025). O processo de rastreamento e as razões de exclusão estão apresentados na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção de artigos encontrados na busca.



Fonte: PRISMA (Page *et al.*, 2021) – adaptado.

As principais características dos estudos incluídos estão apresentadas na Tabela 1. De forma geral, foi identificado um número adequado de publicações, considerando o recorte temporal dos últimos cinco anos e o foco específico em estratégias e/ou intervenções propostas do ensino superior para estudantes autistas. Ao todo, considerando os 11 estudos incluídos nesta revisão, dois foram publicados em 2021 (18,2%), um em 2022 (9,1%), três em 2023 (27,3%), dois em 2024 (18,2%) e

três em 2025 (27,3%). É possível observar que houve um crescimento mais acentuado nos anos mais recentes (2023-2025), o que pode indicar um interesse crescente da comunidade científica no tema da inclusão de alunos com autismo no ensino superior. Isto pode estar relacionado ao aumento do número de matrícula de pessoas com TEA no ensino superior, as políticas educacionais inclusivas mais recentes ou o avanço da pauta da diversidade nas universidades (Bakker *et al.*, 2019; Zeedyk; Bolourian; Blacher, 2019). No que diz respeito ao idioma, quatro estudos foram publicados em português (36,4%) e sete em língua inglesa (63,6%).

Tabela 1. Características dos estudos incluídos.

Autor, ano (País)	População do estudo (n)	Objetivo	Principais resultados
Alves, 2025 (Brasil)	Estudantes autistas (14)	Discutir a criação colaborativa do aplicativo Becca como recurso de suporte à inclusão psicossocial e acadêmica de estudantes com TEA	A pesquisa demonstrou que o design participativo permite criar tecnologias digitais inclusivas, atendendo necessidades de comunicação e socialização de estudantes com TEA, fortalecendo participação ativa e inclusão acadêmica
Begel, 2021 (Estados Unidos)	Estudantes autistas (6)	Avaliar se um acampamento remoto de codificação de videogames melhora programação, comunicação, trabalho em equipe e reduz ansiedade em estudantes com TEA	O acampamento melhorou autoeficácia comunicativa e colaboração de estudantes autistas, destacando importância de comunicação e trabalho em equipe para sucesso acadêmico e profissional
Ciurana, 2025 (Espanha)	Estudantes autistas (12) e docentes (15)	Examinar como os princípios do UDL apoiam a participação e aprendizagem de estudantes autistas, segundo docentes e estudantes	Práticas UDL, mesmo inconscientes, promovem inclusão e engajamento de estudantes autistas, beneficiando todos, mas ajustes individuais e reflexão docente permanecem essenciais
Locke, 2024 (Estados Unidos)	Estudantes universitários (autistas – n=12 e sem autismo – n=12)	Identificar temas para orientar futuros apoios universitários a estudantes autistas, compreendendo experiências de mentores pares e sugerindo melhorias institucionais	O programa MOSSAIC oferece suporte individualizado a estudantes autistas, promovendo habilidades sociais, funcionais e acadêmicas, servindo de modelo para programas de mentoria universitária
Oliveira, 2022 (Brasil)	Estudante autista (1), monitores de turma (2), docente (1) e profissionais de pedagogia (1) e	Analisar a inclusão de um estudante com TEA, considerando experiências do aluno, monitores, docente e profissionais de acessibilidade	Inclusão de estudantes com TEA no ensino superior requer apoio individualizado, respeito às particularidades, promoção de potencialidades, vínculos sociais e educação inclusiva

	psicopedagogia (1)		
Rangkuti, 2025 (Indonésia)	Estudantes autistas (8) e docentes (4)	Investigar como estudantes de pós-graduação autistas e instrutores vivenciam estratégias de ensino adaptativas, incluindo ChatGPT, e seu impacto na aprendizagem	Ensino adaptativo eficaz combina ChatGPT e instrutores humanos, reduzindo ansiedade, facilitando compreensão e garantindo orientação emocional e inclusão
Ferreira, 2024 (Brasil)	Estudantes autistas (2)	Analisar se treino de discriminação de estímulos sociais e comunicação favorece emissão de respostas verbais em categorias específicas de interação	Treino de comunicação e estímulos sociais aumentou respostas verbais em estudantes com TEA, sugerindo generalização, redução da ansiedade e viabilidade de baixo custo
Ridgely, 2023 (Estados Unidos)	Estudantes autistas (9)	Adaptar o programa PEERS para adultos emergentes com TEA e examinar sua viabilidade e eficácia preliminar em educação pós-secundária	A intervenção PEERS adaptada pode melhorar competência social de jovens adultos com TEA, promovendo independência e sucesso acadêmico em universidades
Silveira, 2023 (Brasil)	Estudante autista (1)	Analisar desenvolvimento e aplicação do PEI para estudante com TEA na educação superior pública, comparando desempenho acadêmico antes e depois	Estudo sobre PEI aumentou conhecimento científico, promoveu inclusão universitária de estudantes com TEA, fortalecendo autonomia, permanência e protagonismo, com atuação colaborativa docente e pesquisadora
Trevisan, 2021 (Canadá)	Estudantes universitários (autistas – n=19 e sem autismo – n=21)	Descrever implementação e avaliação do AMI para estudantes autistas, investigando adaptação à faculdade e benefícios para mentores e mentorados	Mentoria entre pares melhorou ajuste social, emocional e acadêmico de estudantes autistas, promovendo engajamento, satisfação e apoio permanência, sem alterar o GPA
Waisman, 2023 ¹	Profissionais envolvidos no ensino de estudantes universitários (98)	Desenvolver treinamento online sobre Autismo e UD para docentes, com participação de pesquisadores autistas e não autistas, incluindo hipóteses e medidas	Treinamentos colaborativos sobre autismo e UD aumentam aceitação e compreensão da diversidade entre docentes, favorecendo sucesso estudantil e adaptação cultural

¹ Estudo realizado em: Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Japão e Singapura

Abreviações:

AMI, *Autism Mentorship Initiative*: programa que conecta estudantes autistas ingressantes a mentores avançados, oferecendo orientação individual sobre metas, desafios acadêmicos e integração universidade;

GPA, *Grade Point Average*: média de desempenho acadêmico;

MOSSAIC, *Mentoring, Organization and Social Support for Autism Inclusion on Campus Program*: programa de mentoria entre pares apoia estudantes autistas em habilidades sociais, executivas e autodefesa;
PEERS, *Program for the Education and Enrichment of Relational Skills*: treinamento de habilidades sociais para jovens adultos autistas em campus universitário;
PEI, Planejamento Educacional Individualizado;
QSQ-YA, *Quality of Socialization Questionnaire–Young Adult*: questionário;
SACQ, *Student Adaptation to College Questionnaire*: questionário;
SRS-2, *Social Responsiveness Scale*: questionário;
TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
TEA, Transtorno do Espectro Autista;
TYASSK, *Test of Young Adult Social Skills Knowledge*: questionário;
UD, *Universal Design*: ambientes e produtos projetados para serem acessíveis a todas pessoas;
UDL, *Universal Design Learning*: aprendizagem inclusiva com ensino projetado para atender diferentes necessidades;

Em relação ao local de realização, destacam-se quatro estudos desenvolvidos em universidades no Brasil (36,4%), três em universidades dos Estados Unidos (27,3%), um no Canada (9,1%), um na Espanha (9,1%) e um na Indonésia (9,1%). Além disso, um dos estudos (9,1%) apresentou caráter multicêntrico, sendo conduzido em universidades de diferentes países, incluindo Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Japão e Singapura. Apesar de ser realizada uma busca predominantemente em bases de dados internacionais, estudos realizados no Brasil aparecem em destaque, sinalizando um esforço nacional em discutir e implementar estratégias de inclusão no ensino superior. Este empenho é evidenciado por políticas públicas como a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015). Atualmente temos exemplos de iniciativas das universidades, como a Política de Inclusão e Pertencimento das Pessoas com Deficiência pela Universidade de São Paulo (USP), que demonstram a mobilização das instituições garantindo a participação da comunidade universitária em igualdade de condições (USP, 2025). Quanto ao delineamento metodológico, foram identificados cinco estudos qualitativos (45,5%), quatro estudos experimentais (36,4%), um estudo de caso (9,1%) e um estudo de métodos mistos, combinando abordagem experimental e qualitativa (9,1%). A predominância de estudos qualitativos pode indicar a necessidade de compreender em profundidade as experiências, percepções e contexto individuais das estratégias para alunos universitários com autismo, dado que a inclusão educacional envolve dimensões subjetivas e sociais (Lim *et al.*, 2023). Os estudos experimentais mostram que também existe uma busca por testar intervenções estruturadas, mas ainda em menor escala.

Entre as características dos participantes dos estudos incluídos, o número variou de 1 (Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022; Silveira *et al.*, 2023) a 98 (Waisman *et al.*, 2023), com idades entre 17 (Trevisan *et al.*, 2021) e 42 anos (Waisman *et al.*, 2023). Essa ampla variação no tamanho

das amostras representa uma limitação metodológica, uma vez que estudos com poucos participantes reduzem o potencial de generalização dos resultados. Além disso, observa-se uma concentração em adultos jovens, faixa etária predominante no contexto universitário. Quanto ao gênero, sete estudos contemplaram homens e mulheres (Begel *et al.*, 2021; Ridgely *et al.*, 2023; Waisman *et al.*, 2023; Locke *et al.*, 2024; Alves; Hostins; Oliveira, 2025; Ciurana; García, 2025; Rangkuti; Setyarini, 2025), dois apenas homens (Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022; Ferreira; Barros, 2024), um apenas mulher (Silveira *et al.*, 2023) e um não reportou essa informação (Trevisan *et al.*, 2021). Em relação ao perfil dos participantes, quatro estudos envolveram docentes, sendo três com participação também de alunos (Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022; Ciurana; García, 2025; Rangkuti; Setyarini, 2025) e um exclusivamente com docentes (Waisman *et al.*, 2023). Dos dez estudos que incluíram estudantes, cinco abordaram apenas alunos de graduação (Begel *et al.*, 2021; Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022; Silveira *et al.*, 2023; Ferreira; Barros, 2024; Alves; Hostins; Oliveira, 2025), enquanto os demais contemplaram tanto graduação quanto pós-graduação (Trevisan *et al.*, 2021; Ridgely *et al.*, 2023; Locke *et al.*, 2024; Ciurana; García, 2025; Rangkuti; Setyarini, 2025). Nota-se, portanto, uma diversidade na composição dos participantes (docentes e discentes), o que enriquece a análise ao permitir a consideração de diferentes perspectivas.

Com relação às estratégias e intervenções no ensino superior para alunos autistas, três estudos utilizaram programas em que alunos não autistas atuaram como mentores. Locke (2024) avaliou o programa MOSSAIC (*Mentoring, Organization and Social Support for Autism Inclusion on Campus*), um modelo de mentoria individualizada de alunos não autistas supervisionados por professores. O programa incluiu: mentoria entre pares, eventos educacionais e recreativos duas vezes por trimestre, café de estudo semanal para acompanhamento acadêmico, e seminário semanal com crédito acadêmico sobre navegação no campus e autismo na vida adulta. Os resultados mostraram ganhos significativos em habilidades sociais, funcionais e acadêmicas, destacando o programa como um possível modelo institucional de suporte inclusivo. Trevisan (2021) avaliou o programa AMI (*Autism Mentorship Initiative*), também baseado em mentoria individual, com suporte acadêmico, social e emocional e acompanhamento de metas pessoais e acadêmicas, promovendo maior engajamento e satisfação dos alunos, embora sem impacto direto no desempenho acadêmico. Ambos os estudos (Trevisan *et al.*, 2021; Locke *et al.*, 2024) incluíram alunos autistas e não autistas. Ridgely (2023) adaptou o programa PEERS (*Program for the Education and Enrichment of Relational Skills*) para universitários, com sessões estruturadas que incluíam revisão de tarefas, discussão de dificuldades e ensaios comportamentais. Os resultados indicaram melhorias na competência social e maior independência acadêmica. Nesses estudos, pode-se destacar a importância de formalizar políticas institucionais de mentoria e suporte, garantindo treinamento adequado dos mentores. Além

disso, o envolvimento de alunos não autistas como mentores é essencial para promover a inclusão social e acadêmica, favorecendo a construção de um ambiente universitário mais acolhedor e colaborativo.

Outros dois estudos utilizaram estratégias como *Universal Design* (UD) (Waisman *et al.*, 2023), que busca criar ambientes acessíveis a todos, e *Universal Design for Learning* (UDL) (Ciurana; García, 2025), que aplica esses princípios ao ensino para oferecer diferentes formas de engajamento, representação e expressão, tornando o aprendizado mais inclusivo (Yang *et al.*, 2024). Ciurana (2025) mostrou que práticas pedagógicas baseadas nos princípios do UDL, como aulas presenciais e online, atividades práticas e debates, aumentam o engajamento, a compreensão, a motivação e a confiança dos estudantes autistas, beneficiando seu aprendizado e a prática docente. No entanto, destacou-se a necessidade de ajustes individuais e reflexão docente para garantir uma aprendizagem inclusiva. Waisman (2023) demonstraram que treinamentos colaborativos de docentes sobre autismo e UD, com participação de pesquisadores autistas, aumentaram o conhecimento, reduziram estigmas e estimularam mudanças nas práticas pedagógicas. Este estudo destacou-se pelo design multicêntrico, envolvendo docentes de diferentes países, evidenciando o potencial global dessas estratégias.

No campo das tecnologias digitais, três estudos exploram ferramentas digitais como meios para apoiar estudantes autistas, mostrando como a tecnologia pode funcionar quando associada a suporte colaborativo (Begel *et al.*, 2021; Alves; Hostins; Oliveira, 2025; Rangkuti; Setyarini, 2025). O estudo de Alves (2025) destacou a eficácia do design participativo de tecnologias digitais para promover inclusão acadêmica e psicossocial. A criação colaborativa do aplicativo Becca mostrou-se um recurso relevante para apoiar a comunicação, a socialização e a autonomia de estudantes autistas, reforçando o papel de soluções tecnológicas acessíveis como ferramentas de inclusão. Na perspectiva internacional, Begel (2021) demonstrou que a participação em um acampamento remoto de codificação de videogames contribuiu para melhorar a autoeficácia comunicativa e a colaboração em equipe entre estudantes autistas, além de reduzir a ansiedade associada ao desempenho acadêmico e profissional. Finalmente, Rangkuti (2025) investigou o uso de ferramentas de inteligência artificial como o ChatGPT. O estudo evidenciou que estratégias adaptativas combinando recursos de IA com acompanhamento docente reduziram a ansiedade, aumentaram a confiança acadêmica e facilitaram a compreensão, ressaltando o potencial de integração entre tecnologia e ensino inclusivo.

Finalmente, três estudos brasileiros envolveram apenas um (Oliveira; Santiago; Teixeira, 2022; Silveira *et al.*, 2023) ou dois estudantes (Ferreira; Barros, 2024). Oliveira (2022) destacou a importância do apoio individualizado, envolvendo monitores, docentes e profissionais de pedagogia, mostrando que a inclusão exige reconhecer particularidades e fortalecer vínculos sociais. Ferreira

(2024) avaliou suporte personalizado em sala de aula para desenvolver habilidades de comunicação e interação, observando aumento temporário de respostas verbais. Silveira (2023) analisou o uso do Planejamento Educacional Individualizado (PEI), que favoreceu a permanência, o protagonismo e a autonomia acadêmica e social dos estudantes com TEA.

5 CONCLUSÃO

Esta revisão sistemática identificou 11 estudos recentes que propuseram estratégias e intervenções para inclusão de estudantes com TEA no ensino superior. De forma geral, as iniciativas analisadas utilizam práticas colaborativas, interdisciplinares e baseadas em evidências para promover a permanência, a autonomia e o engajamento acadêmico, reforçando a necessidade de políticas institucionais sustentáveis e inclusivas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à FACULDADE GALILEU, pela oportunidade de formação acadêmica e por todo o suporte oferecido ao longo dessa jornada.

Ao meu orientador e coordenador de curso, Prof. Renan Merlin Cuani, pela dedicação, paciência e pelas valiosas contribuições que enriqueceram minha trajetória acadêmica.

Aos meus professores, pelo compartilhamento de conhecimento, incentivo e inspiração que foram fundamentais para minha formação.

Ao meu esposo e à minha filha, pelo amor, apoio incondicional e compreensão diante da minha ausência em tantos momentos, permitindo que eu me dedicasse aos estudos.

E aos meus colegas de turma, pela convivência, companheirismo e apoio mútuo, que tornaram essa caminhada mais leve e enriquecedora.

A todos, que fizeram parte direta ou indiretamente da minha jornada, minha sincera gratidão.

REFERÊNCIAS

ACUNA, J. T.; LEITE, L. P. Transtorno do espectro autista na universidade: contribuições à prática docente. **Educere et Educare**, v. 17, n. 43, p. 393-409, 2022.

ACUNA, J. T.; PAPARELLA, D. S. Concepções sobre estudantes com transtorno do espectro autista: um estudo de revisão integrativa. **Revista Educação em Debate**, v. 45, n. 90, maio 2023.
DOI: <https://doi.org/10.36517/eemd.v45i90.88672>

ALVES, A. G.; HOSTINS, R. C. L.; OLIVEIRA, N. A. Design participativo de tecnologia digital acessível para inclusão de acadêmicos com autismo no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 31, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0233>

APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2023.

BAKKER, T.; KRABBENDAM, L.; BHULAI, S.; BEGEER, S. Background and enrollment characteristics of students with autism in higher education. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 67, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2019.101424>

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo da Educação Superior 2018: resumo técnico**. Brasília: INEP, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo da Educação Superior 2023: principais resultados**. Brasília: INEP, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo da Educação Superior 2024: resumo técnico**. Brasília: INEP, 2024.

BRASIL. Lei nº 10.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CAMPBELL, M.; MCKENZIE, J. E.; SOWDEN, A.; KATIKIREDDI, S. V.; BRENNAN, S. E.; ELLIS, S.; HARTMANN-BOYCE, J.; RYAN, R.; SHEPPERD, S.; THOMAS, J.; WELCH, V.; THOMSOM, H. Synthesis without meta-analysis (SWiM) in systematic reviews: reporting guideline. **BMJ**, v. 368, p. l6890, jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.l6890>

CANUTO, L. T.; OLIVEIRA, A. A. S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, v. 26, art. 1, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>

CIURANA, M. B.; GARCÍA, O. M. What faculty already do: universal design for learning strategies to support autistic students at university. **Teaching in Higher Education**, p. 1-18, abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1080/13562517.2025.2487792>

DAVIS, M. T.; WATTS, G. W.; LÓPEZ, E. J. A systematic review of firsthand experiences and supports for students with autism spectrum disorder in higher education. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 84, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2021.101769>

DONATI, G. C. F.; CAPELLINI, V. L. M. F. Consultoria colaborativa no ensino superior, tendo por foco um estudante com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Estudos**

em Educação, v. 13, n. esp2, p. 1459-1470, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v13.nesp2.set2018.11655>

FERREIRA, N. A. R.; BARROS, R. S. Efeitos do treino de comunicação em universitários com transtorno do espectro autista. **Acta Comportamentalia**, v. 32, n. 1, fev. 2024.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>

GELBAR, N. W.; SMITH, I.; REICHOW, B. Systematic review of articles describing experience and supports of individuals with autism enrolled in college and university programs. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 44, n. 10, p. 2593-601, out. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2135-5>

KANTOR, J.; LI, J.; DU, J.; SVOBODOVA, Z.; KLUGAR, M.; SALEHI-POURMEHR, H.; HAMPTON, D.; SMOLIKOVA, M.; KANTOROVA, L.; MARECKOVA, J.; ZMESKALOVA, D.; MUNN, Z. Impact of educational and psychological interventions compared with standard care in college/university students with autism spectrum disorder: a systematic review protocol. **JBIE evidence synthesis**, v. 21, n. 6, p. 1299-1309, jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.11124/JBIES-22-00251>

KUDER, S. J.; ACCARDO, A. What works for college students with autism spectrum disorder. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 48, n. 3, p. 722-731, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3434-4>

LIM, E.; WONG, S.; GURBUZ, E.; KAPP, S. K.; LÓPEZ, B.; MAGIATI, I. Autistic students' experiences, opportunities and challenges in higher education in Singapore: a qualitative study. **Education Sciences**, v. 13, n. 8, p. 818, ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/educsci13080818>

LOCKE, J.; OSUNA, A.; MYRVOLD, R.J.; CLOSSON, J. S. Supporting autistic college students: examining the mentoring, organization and social support for autism inclusion on campus (MOSSAIC) program. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 54, n. 6, p. 2094-2107, jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-023-05969-w>

OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Experiências acadêmicas de estudantes universitários com transtornos do espectro autista: uma análise interpretativa dos relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, out./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000400012>

OLIVEIRA, A. F. T. M.; SANTIAGO, C. B. S.; TEIXEIRA, R. A. G. Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248238947por>

ONU, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas**. 2006.

PAGE, M. J.; MCKENZIE, J. E.; BOSSUYT, P. M.; BOUTRON, I.; HOFFMANN, T. C.; MULROW, C. D.; SHAMSEER, L.; TETZLAFF, J. M.; AKL, E. A.; BRENNAN, S. E.; CHOU, R.; GLANVILLE, J.; GRIMSHAW, J. M.; HROBJARTSSON, A.; LALU, M. M.; LI, T.; LODER, E. W.; MAYO-WILSON, E.; MCDONALD, S.; MCGUINNESS, L. A.; STEWART, L. A.;

THOMAS, J.; TRICCO, A. C.; WELCH, V. A.; WHITING, P.; MOHER, D. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, v. 372, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Autismo: tudo o que você precisa saber sobre TEA**. Porto Alegre: PUCRS, 2023.

RANGKUTI, N.; SETYARINI, S. Adaptive teaching for autistic graduate students in Indonesia: exploring the role of AI tools like ChatGPT in inclusive english education. **Changing English**, p. 1-18, maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.1080/1358684X.2025.2492022>

RIDGELY, N. C.; PALLATHRA, A. A.; RAFFAELE, C. T.; ROTHWELL, C.; RICH, B. A. Adaptation of the PEERS for young adults social skills curriculum for college students with autism spectrum disorder. **Focus on Autism and Other Developmental Disabilities**, v. 38, n. 4, p. 234-244, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/10883576221133484>

SALES, J. F.; VIANA, T. V. A inclusão de autistas no ensino superior: direito, acessibilidade e avaliação. **Revista Intersaberes**, v. 15, n. 35, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22169/revint.v15i35.1868>

SANTOS, C. E. M.; PEDRO, K. M. Universitários com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Educação em Foco**, v. 29, n. 1, p. e29043, set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2024.v29.44626>

SILVA, S. C.; SCHNEIDER, D. R.; KASZUBOWSKI, E.; NUERNBERG, A. H. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217618>

SILVEIRA, P. T.; DONIDA, L. O.; SANTANA, A. P. Inclusão e permanência de universitários com diagnóstico de transtorno do espectro autista: discussões acerca de barreiras linguísticas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 3, p. 659-675, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772020000300008>

SILVEIRA, V. G.; ROSA, B. R.; BENITEZ, P.; TANNÚS-VALADÃO, G. Planejamento educacional individualizado de estudante com autismo na universidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-238308>

TREVISAN, D. A.; LEACH, S.; IAROCCI, G.; BIRMINGHAM, E. Evaluation of a peer mentorship program for autistic college students. **Autism Adulthood**, v. 3, n. 2, p. 187-194, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1089/aut.2019.0087>

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Resolução CoIP Nº 8750, de 25 de fevereiro de 2025. **Política de Inclusão e Pertencimento das Pessoas com Deficiência**. São Paulo:USP, 2025.

VICTOR, S. L.; UZÊDA, S. Q. Educação inclusiva e ensino superior: avanços e desafios. **Educere et Educare**, v. 17, n. 43, p. 225-246, nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.48075/educare.v17i43.29706>

WAISMAN, T. C.; WILLIAMS, Z. J.; CAGE, E.; SANTHANAM, S. P.; MAGIATI, I.; DWYER, P.; STOCKWELL, K. M.; KOFNER, B.; BROWN, H.; DAVIDSON, D.; HERRELL, J.; SHORE, S. M.; CAUDEL, D.; GURBUZ, E.; GILLESPIE-LYNCH, K. Learning from the experts:

evaluating a participatory autism and universal design training for university educators. **Autism**, v. 27, n. 2, p. 356-370, fev. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/13623613221097207>

YANG, M.; DUHA, M. S. U.; KIRSCH, B. A.; GLASER, N.; CROMPTON, H.; LUO, T. Universal design in online education: a systematic review. **Distance Education**, v. 45, n. 1, p. 23-59, out. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/01587919.2024.2303494>

ZEEDYK, S. M.; BOLOURIAN, Y.; BLACHER, J. University life with ASD: Faculty knowledge and student needs. **Autism**, v. 23, n. 3, p. 726-736, abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1362361318774148>